

Dois capitalismos

Luiz Carlos Bresser-Pereira
Folha de S.Paulo, 07.07.16

*A diferença está na ênfase que
dão aos princípios que regem
sociedades modernas -competição
e cooperação*

AS PRIMEIRAS ações do presidente francês, Nicolas Sarkozy, e as reações britânicas só fazem sentido se compreendermos que, além do modelo japonês, existem dois tipos de capitalismo desenvolvido: o anglo-saxão e o europeu, de um lado o do dólar e da libra, e, do outro, o do euro.

A diferença fundamental entre os dois está na ênfase que dão aos dois princípios que regem as sociedades modernas -a competição e a cooperação- e, em consequência, às duas formas de administração das economias: o mercado livre ou o mercado regulado. Dada a hegemonia ideológica exercida pelos Estados Unidos, existe um pressuposto de que o primeiro tipo de capitalismo é superior ao segundo, mas, quando comparamos os cinco objetivos políticos das sociedades modernas -segurança, liberdade, bem-estar, justiça social e proteção da natureza-, é difícil não admitir os melhores resultados alcançados pelo modelo mais solidário existente na Europa.

Sarkozy é sem dúvida um político de direita, e as primeiras medidas que tomou, especialmente a diminuição dos impostos para os muito ricos, são conservadoras.

Entretanto, os conceitos de direita e de esquerda só fazem sentido em relação a um "centro" político, o qual está claramente mais à esquerda na Europa do que nos Estados Unidos. Enquanto nos EUA o individualismo é dominante, na Europa do euro a solidariedade e, portanto, a cooperação social têm papel maior.

Esse fato se expressa, em termos concretos, na carga tributária, que está em torno de 30% do PIB nos Estados Unidos e de 45% na Europa.

Como se trata de democracias, essas cargas tributárias são resultado de decisão política dos cidadãos. Quando, na Europa, eles decidem pagar 50% mais impostos do que nos Estados Unidos, isso significa que optam por um consumo coletivo maior dos serviços de educação, de saúde e de seguridade social; em outras palavras, escolhem um sistema em que esses serviços não dependam da renda de cada um, mas da renda global do país.

Será, entretanto, que um sistema que é mais justo é também mais eficiente? A ideologia neoliberal ou ultraliberal, que partiu dos Estados Unidos nos anos 1970, tornou-se dominante 20 anos mais tarde e enfrenta dificuldades crescentes neste início de século, afirma categoricamente que não. Entretanto, os níveis de produtividade nos países mais avançados da Europa são comparáveis aos dos Estados Unidos e do Reino Unido. E as taxas de crescimento, quando descontado o maior aumento populacional nos Estados Unidos, são também muito semelhantes.

Por quê? Provavelmente porque a eficiência não é produto da simples competição, mas da combinação da competição com a cooperação, do individualismo com o solidarismo, do mercado livre com sua administração.

O mercado é sempre o instrumento principal de coordenação econômica -foi graças a isso que o capitalismo tornou-se dominante-, mas os mercados são sempre socialmente construídos e não há nenhuma razão para crer que, deixados inteiramente "livres", serão mais eficientes, a não ser que acreditemos no conto de fadas de que os mercados reais se aproximam do modelo da competição perfeita.